

## Hortos agroflorestais medicinais biodinâmicos: uma contribuição para a atenção primária à saúde.

Biodynamic medicinal agroforestry gardens: a contribution to primary health care.

Marcos Trajano<sup>1</sup>, Ximena Moreno<sup>2</sup>, Fabiana Peneireiro<sup>3</sup>, Nelson Filice de Barros<sup>4</sup>; Taize Peruzzo<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Secretaria de Estado de Saúde do DF. Médico de Família e Comunidade. Especialista em Gestão da Clínica. Brasília, Brasil. Orcid.org/0000-0002-0709-6063. E-mail: trajano.bindu@gmail.com.

<sup>2</sup>Pesquisadora colaboradora FIOCRUZ Brasília. Mestre em Gestão e Planejamento Ambiental. Brasília, Brasil. Orcid.org/0000-0001-7906-387X. E-mail: xmorenosepulveda82@gmail.com

<sup>3</sup>Mutirão Agroflorestal. Doutora em Educação. Brasília, Brasil. Orcid.org/0000-0003-2449-2938. E-mail: fabiana\_agroeco@yahoo.com.br

<sup>4</sup>LAPACIS/Unicamp, Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde/Unicamp. Campinas, Brasil. Doutor em Saúde Coletiva pela Unicamp. Campinas, SP, Brasil. Orcid.org/0000-0002-2389-0056. nefel@uol.com

<sup>5</sup>Pesquisadora colaboradora Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Brasília. Mestre em Qualidade Ambiental pela Universidade Feevale. Orcid.org/0000-0001-9632-113X. E-mail: taizeperuzzo@gmail.com

Recebido em: 28 fev. 2023. Aceito em: 20 out. 2023.

### Resumo

Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos (HAMB) são equipamentos de saúde da Secretaria de Estado de Saúde do DF, desde 2018. Seu cultivo é comunitário, agroecológico e biodinâmico. Suas contribuições são: atenção à saúde, produção de plantas medicinais, autonomia no cuidado, ensino-aprendizagem a céu aberto, desenvolvimento ambiental sustentável e inclusão de crianças, jovens e adultos.

**Palavras-chave:** Promoção da saúde; Práticas Integrativas e Complementares; Plantas Medicinais; Agroecologia

### Abstract

Biodynamic Medicinal Agroforestry Gardens (HAMB) are health equipment from the State Department of Health of the DF, since 2018. Its cultivation is communitary, agroecological and biodynamic. Its contributions are: health care, production of medicinal herbs, autonomy in care, open-air teaching and learning, sustainable environmental development and inclusion of children, young people and adults.

**Keywords:** Health promotion; integrative health practices; Medicinal herbs; Agroecology.

A prática assistencial da medicina ocidental contemporânea é amplamente aceita e seu avanço, baseado no princípio e valor da verdade única da modernidade, assenta-se no desenvolvimento técnico-tecnológico. O regime de verdade estipulado pelos arautos dessa medicina perdeu o vínculo com o cuidado e com a cura, pois, segundo Luz (2021, p.55), a “biomedicina está baseada numa estrutura de produção de fábrica, industrial, e ela não tem como finalidade fundamental a cura, não é a cura das pessoas que se busca, mas a venda do produto” .

As binaridades produzidas a partir da modernidade impedem que o ser humano possa, sequer, duvidar se é dependente de sua relação com o ambiente. Além disso, a lógica dessa produção do conhecimento exclui qualquer evento que não possa ser medido, pesado, visto ou percebido por órgão sensorial ou equipamento que amplie tais

capacidades. O excessivo racionalismo, que vem conduzindo o pensamento humano nesses últimos séculos, afeta não apenas a medicina, mas também a agricultura, a educação, a indústria, e toda e qualquer área de interesse do ser humano. No século XIX, o foco exclusivo da tecnologia na ciência materialista e no lucro levou ao uso intensificado dos solos, com a introdução de produtos sintéticos, rápida decadência das habilidades agrícolas tradicionais e perda íntima da relação e sensibilidade para com o mundo natural (Sepúlveda *et al*, 2022).

A partir da interseção do excessivo racionalismo nos diferentes campos, observa-se a insustentabilidade das práticas de cuidado humano e ambiental, uma vez que não são permeadas por um compromisso de longo prazo com a conservação de recursos, com o uso de tecnologias leves e duras, com independência econômica e com a inclusão social, política e econômica das comunidades.

Nessa nota agroecológica, ao tratar do ambiente não se fala apenas do meio natural, mas do ambiente social que engendra as relações sociais: únicas promotoras possíveis da recuperação da vida, desde que solidárias e acolhedoras (Luz, 2021). No contexto do cuidado, a utilização do ambiente para fins terapêuticos é tão antiga quanto a própria civilização humana e, por muito tempo, produtos minerais, animais e vegetais foram fundamentais para a área da saúde. Historicamente, as plantas são importantes nas práticas da arte de curar, e desde os primórdios da medicina acumulam-se informações a respeito delas. Assim, ao longo dos séculos, os produtos de origem vegetal constituíram, e seguem constituindo, as bases para diferentes terapêuticas (Brasil, 2015).

A Constituição Federal brasileira (Brasil, 1988) determina que “as ações e serviços públicos de saúde integrem uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único” (Artigo 198). O mesmo artigo da constituição determina que o Sistema Único de Saúde (SUS) deve organizar-se de modo a prover “atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais”, incluindo, ainda nas diretrizes organizacionais, a descentralização e a participação da comunidade. O artigo 200, da seção saúde, traz a competência, enquanto atribuição do SUS, de “incrementar, em sua área de atuação, o desenvolvimento científico e tecnológico e a inovação” e no último inciso preconiza que é preciso “colaborar na

proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho”. Antes mesmo da Constituição, porém, o relatório final da oitava Conferência Nacional de Saúde preconizou, no seu terceiro ponto, relativo ao tema Reformulação do Sistema Nacional de Saúde, apresenta a introdução de práticas alternativas de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida (CNS, 1986).

Em 22 de fevereiro de 2006, todavia, foi publicada a Portaria GM/MS Nº 399, que divulgou o Pacto pela Saúde 2006, cujas Diretrizes Operacionais trataram da consolidação do SUS com a criação de ações específicas, como, entre outras, a criação da Política Nacional de Atenção Básica (Brasil, 2006), Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), Política Nacional de Vigilância Sanitária (PNVS) e Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS).

A PNPIC (Brasil, 2015) e a PNPMF (Brasil, 2006) apresentam diretrizes para a inserção do uso das plantas medicinais e fitoterápicos no SUS, e o Ministério da Saúde reconhece que caberá aos profissionais de saúde reconhecer sua potência no fortalecimento, por exemplo, do vínculo e da educação em saúde. O termo fitoterapia foi dado à terapêutica que utiliza os medicamentos cujos constituintes ativos são plantas ou derivados vegetais, e que tem a sua origem no conhecimento e no uso popular. As plantas utilizadas para esse fim são tradicionalmente denominadas medicinais (De Pasquale, 1984) e são produzidas em hortos estruturados de acordo com diferentes sistemas de produção.

No Distrito Federal (DF), desde 2018, os Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos (HAMB) têm sido implantados na SES/DF como estratégia de descentralização do cultivo de plantas medicinais e de promoção da saúde no SUS. Esses hortos diferenciam-se de outros por serem construídos com a comunidade e com os princípios da agroecologia, da agrofloresta e da agricultura biodinâmica. Uma definição ampla para agroecologia é dada por Caporal e Costabeber (2005):

A agroecologia corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para – através de uma ação

social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica – reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque, seletivamente, as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade (Caporal e Costabeber, 2005, p. 13).

A dimensão local, com seu potencial endógeno de conhecimentos e saberes, recursos e interações sociais, pode contribuir para a implementação de formas de agricultura que potencializem a biodiversidade ecológica e a diversidade sociocultural. Ademais, a busca de uma agricultura menos dependente de insumos químicos sintéticos é parte de um desenvolvimento sustentável e que concilia necessidades econômicas e sociais das populações humanas com a preservação da sua base natural (Miklós, 2019).

A agrofloresta é um tipo de sistema inspirado nos ecossistemas florestais biodiversos e multiestratificados e tem como característica o plantio consorciado de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas, respeitando a estratificação e a sucessão natural, de maneira a criar um organismo agrícola harmônico, em equilíbrio dinâmico, e altamente produtivo. Pode, também, promover a recuperação de áreas degradadas, fornecendo muitos serviços ambientais (Santos, 2007). Este sistema de produção é caracterizado pela diversidade de cultivos no mesmo tempo-espço, com grande diversidade de espécies e em diferentes “andares”. Com o manejo mediante capina seletiva e poda, no sentido de se avançar na sucessão, a combinação de consórcios de espécies vai se reconfigurando ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que a vida do solo é potencializada, bem como a ciclagem dos nutrientes. Há transformação do microclima e o ciclo da água é equilibrado (infiltração, manutenção da umidade no solo e evapotranspiração). A produção vegetal é promovida, ao mesmo tempo em que a fotossíntese é otimizada, e complexas interações ecológicas entre vegetais e animais acontecem o tempo todo (Miccolis *et al.*, 2017; Caporal *et al.*, 2011).

A agricultura biodinâmica procura potencializar as forças cósmicas no desenvolvimento das plantas ao considerar o calendário astronômico nas atividades de plantio, colheita e manejo. Além disso, adota o uso de preparados dinamizados a partir de plantas, esterco e sílica e a participação humana com observação qualificada na condução do sistema. A biodinâmica é inspirada no trabalho de Rudolf Steiner, filósofo, educador e escritor

nascido no século XIX em Kraljevec, Croácia, que produziu em diversas áreas do conhecimento até o ano de 1925 (Moreno *et al.*, 2023).

O primeiro HAMB do DF foi implantado na Unidade Básica de Saúde nº 1 do Lago Norte (UBS1LN), na Superintendência da Região de Saúde Central, que é umas das sete regiões de saúde que compõem o DF. Sua implantação se deu em um espaço de cerca de 250 m<sup>2</sup>, em uma área total de 2.000 m<sup>2</sup>, sem uso e contendo restos, entulho e diversos resíduos sólidos, com a presença de árvores antigas [mangueiras (*Mangifera indica*), guapuruvu (*Schizolobium parahyba*) e flamboyant (*Delonix regia*)] (Trajano *et al.* 2021). Em julho de 2018, no início do período de seca no DF, após tratativas administrativas, um médico da Estratégia Saúde da Família, da Unidade Básica 1 do Lago Norte (UBS1LN), passou a preparar o solo para plantio de uma agrofloresta tendo em sua composição plantas medicinais e plantas alimentícias não convencionais (PANC). Instalou um pequeno sistema de irrigação e em agosto, por meio de um convite aos grupos de moradores da região, recebeu mais de quarenta pessoas, de todas as idades, com mudas, ferramentas e muita vontade de cultivar o solo daquela Unidade Básica de Saúde (UBS) (Trajano *et al.*, 2021). Também se contou com ajuda de um agente de endemias lotado na unidade de saúde, de professores, de pesquisadores e de voluntários anônimos, cheios de amor e esperança. Assim, um círculo fraterno foi sendo criado em torno dos primeiros oito canteiros, com 80 cm de largura e 10 a 15 metros lineares cada um. Foram retirados cerca de 15 m<sup>3</sup> de resíduos sólidos entre restos de construção, agulhas e frascos de medicamentos de uso interno, luvas de látex, copos e sacos plásticos dentre outros elementos inapropriadamente descartados no local (Trajano *et al.*, 2021).

Nos primeiros dois anos do projeto, mais de mil visitas foram realizadas por diversas pessoas que participaram das atividades de preparo do solo, plantio, manejo, colheita, palestras, oficinas e, inclusive, a primeira destilação pública de óleos essenciais a partir da *Melaleuca alternifolia* (Trajano *et al.*, 2021). Em 2020 o modelo foi aprovado e publicado em Diário Oficial do DF como projeto de sucesso e determinado que fosse replicado em todas as regiões de saúde nos três níveis assistenciais de saúde e na administração central (DF, 2020).

As atividades no HAMB da UBS1LN são realizadas às quintas-feiras, entre 14h e 17h, e têm sido regulares e a assiduidade, persistência e solidariedade do coletivo de participantes, o que tem tornado possível superar as adversidades, sejam elas de ordem física, como os obstáculos e dificuldade de acesso e infraestrutura; agronômicas como, por exemplo, as necessidades de manejo de cada uma das espécies ali plantadas em relação aos insetos; e especialmente as dificuldades causadas pelo vandalismo ou o insuficiente apoio no campo administrativo.

Os encontros presenciais resultaram no desenvolvimento de um vínculo virtuoso entre a comunidade e a UBS, bem como a criação de um espaço para relações mais saudáveis e sustentáveis em torno da Cultura de Paz, baseada no amor e na solidariedade, no cenário da Estratégia Saúde da Família (ESF) (Trajano *et al.*, 2021).

Identificamos quatro principais contribuições dos HAMB para a assistência na atenção básica à saúde no DF, quais sejam: HAMB como sala de ensino-aprendizagem a céu aberto; HAMB como estratégia de cuidado humano e ambiental sustentável; HAMB para produção de plantas medicinais e ampliação da autonomia no processo saúde, doença e no cuidado; e HAMB como atividade comunitária inclusiva para crianças, jovens e adultos. Assim, a UBS assumiu um papel de intersecção entre pautas intersetoriais de saúde, educação, agricultura, meio ambiente e inovação, reunindo condições de ofertar a abordagem de temas diretamente ligados ao processo saúde, doença e cuidado no contexto humano, em relação com o meio ambiente. Foram ofertadas ações educativas voltadas à orientação da população, diante da baixa adesão da participação da comunidade, pouca participação ativa nos próprios processos de cuidado e da perda de autonomia na construção dos saberes (Trajano *et al.*, 2021).

Por motivação desconhecida, o HAMB da UBS1LN foi destruído em agosto de 2020 por prepostos, supostamente a serviço do Estado, o que gerou, na época, uma das maiores respostas negativas da sociedade civil, desde que o monitoramento por ouvidoria foi implantado no DF.

Por outro lado, o caráter inovador do projeto gerou interesse da opinião pública no DF e resultou em apoio à SES/DF por meio de emenda parlamentar federal que foi destinada

à Fundação Oswaldo Cruz - Brasília (Fiocruz-Brasília), e permitiu a criação do Curso de Especialização em Cultivo Biodinâmico de Plantas Medicinais na Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis no Distrito Federal (TSS/DF), realizado juntamente com a SES/DF e o LAPACIS/Unicamp (Moreno *et al.*, 2023).

No segundo semestre de 2021, fruto de atividades do processo pedagógico do curso anteriormente citado, foram implantados mais três HAMB e houve a recuperação daquele que fora agredido no ano anterior, quais sejam: o HAMB na antiga área de cultivo do Núcleo de Farmácia do Centro de Referência em Práticas Integrativas em Saúde (NUFAR/CERPIS), com 500 m<sup>2</sup> de plantio – que passou integrar as atividades comunitárias daquela unidade em um consórcio com o Centro de Atenção Psicossocial da Região de Saúde Norte (CAPSIII); o HAMB do Núcleo de Farmácia Viva do Riacho Fundo (NFARV) com 225 m<sup>2</sup>; o HAMB implantado na única Casa de Parto no DF, que passou a constituir cenário para a integração da assistência incluindo práticas com a comunidade com 120 m<sup>2</sup>; e o HAMB do Lago Norte recuperado, que agora conta uma área de aproximadamente 500 m<sup>2</sup> de cultivo (Moreno *et al.*, 2023). No segundo semestre de 2023, produto do curso de aperfeiçoamento em HAMB, realizado novamente numa parceria da SES/DF e a FIOCRUZ BRASÍLIA, foram implantados na UBS 1 de Itapoã mais 150 m<sup>2</sup> de plantios, na UBS 1 da Asa Sul 280 m<sup>2</sup>, na UBS 10 de Santa Maria 250 m<sup>2</sup>, na Sede da Subsecretaria de Vigilância à Saúde (SVS) 100 m<sup>2</sup> e na UBS 6 da Samambaia 140 m<sup>2</sup>. Até o final do ano serão implantados HAMB na UBS 3 Santa Maria 600 m<sup>2</sup> de cultivo, na UBS 8 Ceilândia 132 m<sup>2</sup>, Direção de Vigilância Ambiental em Saúde (DIVAL) mais 273 m<sup>2</sup> e na Escola Classe 316 norte, Escola Classe Beija Flor 70 m<sup>2</sup>.

Até o fim do ano, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES/DF), entregará uma Rede de Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos (RHAMB) com o total de 13 hortos, com 3.440 m<sup>2</sup> de cultivo. Esta rede está standardizando os processos de cultivo para obter a certificação biodinâmica, a partir de um Sistema Participativo de Garantia (SPG), apoiado pela Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica (ABD), e articulando os processos de apoio e comunicação entre os Servidores da SES/DF responsáveis por cada Horto.

Dentre as espécies presentes nos HAMB, podemos encontrar uma grande diversidade de plantas nativas e exóticas, como arbustos, árvores e ervas, dentre elas plantas medicinais, plantas alimentícias (hortaliças, anuais e frutíferas), plantas alimentícias não convencionais (PANC) e plantas adubadeiras (que rebrotam bem após poda e produzem grande quantidade de biomassa de qualidade), todas consorciadas de acordo com a lógica da sucessão natural (plantas com diferentes ciclos de vida e estratificação), promovendo aumento da biodiversidade, sustentabilidade e alta capacidade de transformar a saúde do ecossistema (Moreno *et al.*, 2023).

Na **Tabela 1** estão listadas as principais espécies introduzidas nos HAMB:

**Tabela 1:** Lista das principais espécies que compõem os Hortos Agroflorestais Mediciniais Biodinâmicos no Distrito Federal.

NOME COMUM	NOME CIENTIFICO	NOME COMUM	NOME CIENTIFICO
Abacate	<i>Persea americana Mill.</i>	Feijão guandu	<i>Cajanus cajan</i>
Absinto, losna ou artemísia	<i>Artemisia absinthium L.</i>	Fedegoso	<i>Senna occidentalis (L.)</i>
Acerola	<i>Malpighia glabra L.</i>	Folha-da-fortuna	<i>Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken</i>
Alecrim-de-jardim	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	Funcho	<i>Foeniculum vulgare Mill.</i>
Alecrim do campo	<i>Baccharis dracunculifolia DC.</i>	Gerânio	<i>Erodium moscato (L.) L'Hér</i>
Alecrim pimenta	<i>Lippia sidoides Cham.</i>	Gengibre	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>
Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Goiabeira	<i>Psidium guajava L.</i>
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum L.</i>	Guaco	<i>Mikania laevigata Sch.Bip.</i>
Algodoeiro	<i>Gossypium hirsutum L.</i>	Guaçatonga	<i>Casearia sylvestris Sw.</i>
Amora	<i>Morus nigra L.</i>	Ipê roxo	<i>Handroanthus impetiginosus</i>
Anador ou chambá	<i>Justicia pectoralis Jacq.</i>	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum L.</i>
Açafrão da terra	<i>Curcuma longa L.</i>	Jacarandás	<i>Dalbergia spp.</i>
Arnica brasileira	<i>Solidago chilensis Meyen</i>	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril L.</i>
Aroeira	<i>Astromium urundeuva (Fr.All), Engl.</i>	Laranja amarga	<i>Citrus x aurantium L.</i>
Aroeira-da-praia	<i>Schinus terebinthifolia Raddi</i>	Lavanda	<i>Lavandula dentata</i>
Arruda	<i>Ruta graveolens L.</i>	Leucena	<i>Leucaena leucocephala</i>
Assa-peixe	<i>Vernonanthura phosphorica (Vell.)</i>	Limão	<i>Citrus limon (L.) Osbeck</i>
Babosa ou Aloe vera	<i>Babosa Aloe vera (L.) Burm.f.</i>	Malva	<i>Malva sylvestris L.</i>
Bálsamo	<i>Sedum dendroideum</i>	Malvarisco	<i>Plectranthus amboinicus (Lour.)</i>
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens (Mart.)</i>	Malvavisco	<i>Malvaviscus sp.</i>
Baru	<i>Dipteryx alata</i>	Manjerição	<i>Ocimum basilicum L.</i>
Beldroega	<i>Portulaca pilosa L.</i>	Manjerona	<i>Origanum majorana L.</i>
Bertalha	<i>Basella alba L.</i>	Maracujá	<i>Passiflora edulis Sims</i>
Boldo Brasileiro	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides (L.)</i>
Camomila	<i>Matricaria chamomilla L.</i>	Melaleuca	<i>Melaleuca alternifolia</i>
Cana do brejo	<i>Costus spicatus (Jacq.) Sw.</i>	Melissa	<i>Melissa officinalis L.</i>
Canela	<i>Cinnamomum verum J. Presl</i>	Melão de São Caetano	<i>Momordica charantia L.</i>



NOME COMUM	NOME CIENTIFICO	NOME COMUM	NOME CIENTIFICO
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus (DC.) Stapf</i>	Milho	<i>Zea mays L.</i>
Capim limão	<i>Cymbopogon flexuosus</i>	Mil-folhas ou Mil-em-rama	<i>Achillea millefolium L.</i>
Caju	<i>Anacardium occidentale</i>	Mirra, falsa mirra	<i>Tetradenia riparia (Hochst.) Codd</i>
Capuchinha	<i>Tropaeolum majus</i>	Moringa	<i>Moringa oleifera</i>
Carqueja	<i>Baccharis trimera (Less.) DC.</i>	Mutamba	<i>Guazuma ulmifolia Lam.</i>
Cavalinha	<i>Equisetum arvense L.</i>	Mulungu	<i>Erythrina mulungu Mart. ex Benth</i>
Calêndula	<i>Calendula officinalis L.</i>	Nirá	<i>Allium tuberosum Rottler ex Spreng.</i>
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Orégano	<i>Origanum vulgare L.</i>
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus macrophyllus (Kunth)</i>	Palmarosa	<i>Cymbopogon martini (Roxb.)</i>
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Patchouli	<i>Pogostemon cablin (Blanco) Benth.</i>
Colônia	<i>Alpinia zerumbet (Pers.)</i>	Pata-de-vaca verdadeira	<i>Bauhinia forficata Link.</i>
Confrei	<i>Symphytum officinale L.</i>	Pitanga	<i>Eugenia uniflora L.</i>
Copaiba	<i>Copaifera langsdorffii Desf.</i>	Picão-preto	<i>Bidens pilosa L.</i>
Crajiru	<i>Fridericia chica (Bonpl.) L.G.-Lohmann</i>	Pimenta	<i>Capsicum sp.</i>
Cravo de defunto	<i>Tagetes minuta L.</i>	Poejo	<i>Mentha pulegium L.</i>
Cúrcuma Zedoária	<i>Curcuma zedoaria (Christm)</i>	Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri L.</i>
Dente de Leão	<i>Taraxacum campylodes G.E.Haglund</i>	Romã	<i>Punica granatum L.</i>
Erva baleeira	<i>Cordia curassavica (Jacq.)</i>	Sabugueiro	<i>Sambucus nigra L</i>
Erva cidreira	<i>Lippia alba (Mill.) N.E.Br.</i>	Salsa	<i>Petroselinum crispum (Mill.) Fuss</i>
Erva-de-São-João	<i>Hypericum perforatum L.</i>	Sálvia	<i>Salvia officinalis L</i>
Erva-Luisa	<i>Aloysia citriodora Palau</i>	Tanchagem	<i>Plantago major L.</i>
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia Mart. ex Reissek</i>	Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>
Eucalipto citrodora	<i>Corymbia citriodora Hill &amp; Johnson</i>	Tomilho	<i>Thymus vulgaris L.</i>
Eucalipto globulus	<i>Eucalyptus globulus Labill.</i>	Urucum	<i>Bixa orellana L.</i>
Feijão de porco	<i>Canavalia ensiformis</i>		

O planejamento dos HAMB se caracteriza pela compreensão de cada horto como uma individualidade ou um organismo socioagrícola, inserido num território específico. Reconhece-se também que a saúde do solo, do vegetal, do animal e do ser humano depende de um relacionamento mais amplo entre as forças que impulsionam os processos naturais (Kruger, 2003; Lobo, 2019). Os HAMB promovem a produção e utilização segura das plantas medicinais e fitoterápicos, a partir de encontros semanais regulares, que permitem a geração de vínculos de cuidado entre as pessoas que frequentam o local e a equipe de saúde que desenvolve as atividades. A criação do HAMB dentro da Estratégia de Saúde da Família faz com que as atividades desenvolvidas não sejam exclusivas para grupos específicos de pessoas, assim, há possibilidade de incluir crianças, jovens e adultos em todas elas. Nesses encontros, o

cultivo das plantas medicinais é usado como cenário que promove um processo de cura e não só como um espaço que provê insumos para a cura. As plantas são usadas frescas (*in natura*) pelos servidores das UBS para fazer infusões, e, igualmente, são entregues aos usuários das UBS nos dias de mutirões. Da mesma forma, no caso do HAMB do Lago Norte, cada certo tempo, segundo a abundância das plantas, a necessidade de manejo e a necessidade de IFVA (Insumo Farmacêutico Vegetal Ativo) do Núcleo de Farmácia do Centro de Referência em Práticas Integrativas em Saúde (NUFAR/CERPIS), as plantas são colhidas e levadas para o NUFAR/CERPIS para seu processamento e transformadas em fitoterápicos que são entregues, então, na SES/DF para serem distribuídos nas UBS, chegando, assim, aos usuários.

O HAMB constitui-se como uma iniciativa capaz de facilitar o cultivo de matéria-prima para a produção de fitoterápicos, sendo um espaço para a integração da comunidade com o serviço de saúde, fomentando relações humanas cooperativas, cuidado com o meio ambiente e utilização de plantas medicinais em territórios seguros, saudáveis e sustentáveis; faz parte das boas práticas no contexto da saúde, por incluir, preferencialmente, práticas de saúde coletivas, democráticas, agroecológicas e biodiversas (Trajano *et al.*, 2021).

A implantação de Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos no SUS representa a criação de um equipamento de saúde para a Atenção Básica que fomenta um espaço onde se promovem relações seguras, saudáveis e sustentáveis no contexto da saúde pública. Essa inovação coloca em diálogo o princípio da participação da comunidade e do cuidado integral no SUS com a proteção do meio ambiente, em um cenário em que os recursos são cada vez mais escassos e que requer medidas e ações mais sustentáveis ao longo do tempo, capazes de gerar recuperação da esperança, da fraternidade e da vida no território e nas pessoas. É urgente promover relações verdadeiramente curativas com capacidade de promover vínculos de apoio para superação conjunta de desafios coletivos.

Esta é uma nova etapa da consolidação do ideal da Reforma Sanitária Brasileira em que não se pode mais prescindir de medidas econômicas para a salvaguarda dos biomas e nem esperar outra geração para fomentar soluções de baixo custo, acessíveis e que

integrem os trabalhadores, suas famílias e seus sonhos à promoção da saúde no ambiente em que vivem.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente ao mandato da Deputada Federal Erika Kokay pelo financiamento e por todo o apoio que garantiu a execução dos cursos e promoveu as implantações; sem esta ajuda, a Rede de Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos (RHAMB) não seria possível.

Copyright (©) 2023 - Marcos Trajano, Ximena Moreno, Fabiana Peneireiro, Nelson Filice de Barros, Taize Peruzzo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde. 2006 Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf). Acesso em 06 jun 2022
- CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. **Agroecologia**, alguns conceitos e princípios. Brasília : MDA/SAF/DATER-IIICA, 2004, 24p.
- CAPORAL, Francisco R. *et al.* Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL, Francisco; AZEVEDO, Edisio O. **Princípios e perspectivas da agroecologia**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2011. p.45-82.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE - CNS. **Relatório final da 8ª conferência de saúde**. snt. 1986. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/relatorios-cns/1492-relatorio-final-da-8-conferencia-nacional-de-saude>. Acesso em 31 jul 2022.
- DE PASQUALE, Anna. Pharmacognosy: oldest modern science. **J. Ethnopharmacol.** v. 11, p.01-06, 1984.
- DISTRITO FEDERAL. Deliberação nº 03, de 30 de março de 2020. **Diário Oficial do Distrito Federal** nº. 73, 17 de abril de 2020.
- KRUGER, Fedra G. **Adubação mineral, orgânica e biodinâmica de Yacon (*Polymnia sonchifolia* Poep & Endl)**: rendimento, qualidade e armazenamento. 2003. Tese (Doutorado em Agronomia) - Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2003.
- LOBO, Carlos E.S. **Do pensar ao fazer**: perspectivas filosóficas, conceituais e práticas acerca da agricultura biodinâmica no Brasil. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências

e Humanidades. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LUZ, Madel T. **Importância das Pícs no SUS**. Conselho Nacional de Saúde-CNS, 1º Seminário Nacional, Conferência Magna – web-conferência. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rDq3EWMc-TU>. Acesso em: 21 out. 2023.

MICCOLIS, Andrew *et al.* Restauração ecológica com sistemas agroflorestais – como conciliar conservação com produção: opções para o Cerrado e Caatinga. Brasília: Instituto Sociedade População e Natureza (ISPN) / Centro de Pesquisa Agroflorestal (ICRAF), 2017. 266 p.

MIKLÓS Andreas A. W. **Agricultura biodinâmica, nutrição e desenvolvimento humano**. São Paulo: Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica. 2019. 222p.

MORENO, Ximena S.M. *et al.* Hortos agroflorestais medicinais biodinâmicos (HAMB) para a produção de insumos farmacêuticos ativos vegetais (IFAV) na secretaria de estado de saúde do distrito federal. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 18, n. 1, p. 101-111, 2023.

SANTOS, Arvori C. **A agrofloresta agroecológica**: um momento de síntese da agroecologia, uma agricultura que cuida do meio ambiente. Curitiba: Deser, 2007. 6p.

SEPÚLVEDA, Ximena. S.M. *et al.* Chácara Bindu, uma experiência de agroecologia, conservação produtiva, educação e saúde. **Saúde em debate**. v. 46, n.2, p. 518-528, 2022.

TRAJANO, Marcos *et al.* Hortos agroflorestais medicinais biodinâmicos (HAMB) na promoção da saúde. In: XII Congresso brasileiro de sistemas agroflorestais. Relatos de experiências. **Anais**. Piracicaba (*on line*). SP. Brasil. Sociedade Brasileira de Sistemas Agroflorestais, p.13-17, 2021.